

**PAULO FREIRE:
O PEDAGOGO DA ESPERANÇA.**

*PAULO FREIRE:
THE EDUCATOR OF HOPE*

Ana Maria Araújo Freire
The Paulo and Nita Freire International
Project for Critical Pedagogy McGill University

Resumo

Trata-se de um ensaio que quer levar os seus leitores e leitoras a uma reflexão sobre quem é Paulo Freire e como e porque a Autora o chama do Pedagogo da Esperança, fundamentalmente comprovando a superação por parte dele da acepção de Esperança no senso comum e no conhecimento religioso.

Palavras-chave: Esperança. Educação crítica, problematizadora e libertadora. Teologia.

Abstract

It is an essay that intends to lead its readers to a reflection about who is Paulo Freire and how and why the Author calls him the Educator of Hope, ultimately proving his overcoming of the sense of Hope in the common sense and in the religious knowledge.

Keywords: Hope. Freeing, Questioning and Critical Education. Theology.

Palavras Iniciais

São muitas as perguntas, as inquietações, as dúvidas, as suposições, as definições sobre “Quem é Paulo Freire? Um pedagogo, um educador, um político, um ideólogo ou um filósofo? Um educador a serviço da Igreja Católica com suas categorias, cujos nomes e conceitos pouco ou nada diferem dos daquela? Um filósofo marxista ou fenomenologista? Um eclético?”

Para responder a própria questão por mim formulada, porque a mim muitas vezes feita, vou optar por um caminho caracteristicamente freireano: perguntando. Como posso responder a todos às essas questões acima postas como provocação e para nossa reflexão? Dizendo “apenas” que Paulo Freire é o **pedagogo da esperança**?

Antes de tudo devo fazer algumas considerações sobre duas acepções da palavra esperança: (1) na linguagem vulgar, cotidiana, dicionária; e (2) na linguagem da Igreja Católica. Em seguida farei uma análise sobre o que significou esta virtude para o meu marido e por fim aprofundarei a minha análise reflexiva sobre por que a esperança não foi para Paulo apenas uma virtude religiosa. Ela é para ele vocação ontológica para a constituição plena da existência humana, estando, pois implícita na instância existencial-político-ética que abre a possibilidade dentro da compreensão freireana social-crítico-epistemológica das transformações sociais com as quais sonhamos hoje no Brasil e no mundo inteiro.

A esperança como categoria do senso comum e na concepção da Igreja Católica

Esperança na acepção dicionária, usada na cotidianeidade da linguagem brasileira, tem sua origem na palavra latina sperantia, do verbo sperare, significando: 1- Ato de esperar o que se deseja. 2- Expectativa, espera. 3- Fé, confiança em conseguir o que se deseja. 4- Aquilo que se espera ou deseja [...]. 5 Rel. A segunda das três virtudes teologais, simbolizada por uma âncora [...] (FERREIRA, 1986, p.703).

Esperança na concepção da Igreja Católica, segundo o conhecido teólogo dominicano Frei Carlos Josaphat OP. tem sua explicitação clara logo na epígrafe do Cap. 3o do livro Fé, Esperança e Caridade:

A virtude teologal de Esperança é a firme confiança de obter a Felicidade divina e tudo o que a ela conduz, apoiando-se na

certeza da promessa e da graça divina, e se tornando assim coragem paciente, energia criadora e transformadora na existência e na história (1999, p.45).

Prosseguindo, para nosso melhor entendimento do conceito de **Esperança** como virtude teologal, citarei outras importantes afirmações do frade dominicano, a partir das quais embasarei as minhas argumentações alertando que ele também se preocupou com o “enraizamento antropológico da Esperança teologal” (JOSAPHAT, 1999, P.45) e de que a **Esperança**, para ele, assume e eleva uma experiência humana fundamental, que é a força de viver, a capacidade e o elo de agüentar todas as dificuldades, de enfrentar e superar todas as crises, animada e sustentada pelo desejo de um bem melhor e maior, e tendendo sempre para obtê-lo.

A esperança emerge, antes de tudo, como o dinamismo da vida, anterior à consciência, investindo, primeiro, as camadas do inconsciente e se difundindo pelas formas primárias do conhecimento sensível e finalmente racional. [...]

O enraizamento profundo da esperança no próprio elã vital inconsciente ou pré-consciente lhe dá uma força e uma significação muito especiais. Ela é vivida antes de ser conhecida, e é conhecida de maneira concreta, antes de ser pensado de maneira abstrata. [...]

O pleno cumprimento das promessas em Cristo, na sua cruz e ressurreição (cf.2 Cor 1,20) vem a ser a perfeita revelação da Esperança, em seu caráter totalmente teologal e em sua força salvadora. [...]

O objeto da Esperança vem a ser a vitória completa do Amor sobre os três inimigos, estreitamente aliados entre si: O Pecado [...] A Injustiça, a opressão, a dominação, a vontade de poder; a Esperança se enraíza no dom da Paz e anuncia esse dom em sua perfeição e em sua felicidade definitiva. A Morte (JOSAPHAT, 1999, p. 46, 54 e 59) (grifos meus).

Páginas depois o mesmo teólogo transcreve duas definições da esperança: a definição bíblica:

A esperança evangélica é a confiança filial, em nós difundida pelo Dom do Espírito, confirmando-nos na certeza da promessa que Deus nos fez em Cristo, de nos fazer participantes de sua Glória; e, para isso, nos dando a coragem de sofrer, trabalhar e lutar, na busca da realização da promessa divina. (JOSAPHAT, 1999, p.60, grifo meu).

E à luz da consideração teológica:

A Esperança é o Dom da Felicidade divina, garantida pela Palavra-Promessa e já inaugurada pela graça, engendrando em nós a coragem firme e lúcida de nos aceitarmos como criatura que Deus faz criadores de seu destino, o tempo em comunhão com os outros, vencendo a incerteza, a angústia, a incompreensão e a morte” (JOSAPHAT, 1999, p.60).

“A esperança é a última que morre”, ouvimos amiúde tal afirmativa na linguagem cotidiana sem que nenhum dos que a diz e repete tenha se interrogado: por que é a última que morre? Que significado tem este morrer? Certamente esta inteligência intuitiva do senso comum, parte, sem dúvida do conhecimento mítico ingênuo, mais do que do conhecimento religioso popular do povo brasileiro, que têm, entre nós, força significativa.

A categoria esperança na teoria do conhecimento libertadora

Como é perceptível a quem conhece a obra de Paulo Freire essa acepção católica de esperança marcou profundamente a sua formação moral-religiosa, pois, sua mãe foi uma católica fervorosa. Ela ensinou-lhe as virtudes religiosas, morais e éticas sob o ponto de vista da Igreja Católica. Com seu pai, um espiritista convicto, que por nunca ter negado os ensinamentos de sua mulher, aprendeu lições preciosas sobre a tolerância com o diferente. Seu pai nunca disse a nenhum de seus 4 filhos “estas não são verdades. Não acreditem nelas!”.

Paulo, entretanto foi além da compreensão aprendida e apropriada em sua infância e juventude – tanto a religiosa quanto a do senso comum – superando-a a luz dos conhecimentos científico e filosófico. Incorporou em suas análises, a estes conhecimentos, a realidade política e a concretude pedagógica.

Aliás, não só a Esperança ganhou em Paulo uma nova acepção. As outras virtudes teológicas também. A Fé em Paulo foi superada na crença profunda nos seres humanos, na sua amorosidade pelos homens e mulheres, indistintamente. A Caridade, por entender que esta tem uma conotação exclusivamente assistencialista, foi superada por ele na categoria do compromisso ou da solidariedade ou do engajamento de posicionar-se e agir a favor de alguma coisa ou de alguém, de posicionar-se e agir contra alguma coisa ou alguém. Contra a ordem perversa ditada pelos poderosos. A favor do excluído, esfarrapado, oprimido. En-

fim, contra as relações e condições de opressão através da conscientização, seguida, necessariamente pela educação para a decisão, para a opção, que abre a possibilidade da transformação libertadora.

Quando afirmo que houve uma superação por parte de Paulo tanto do conhecimento do senso comum quanto do conhecimento religioso, neste momento me referindo às virtudes teológicas – Fé, Caridade e Esperança –, estou dizendo que estas compreensões não foram relegadas ou abandonadas. Elas foram incorporadas por ele numa nova leitura de mundo, que as mantendo e as negando ao mesmo tempo, fez, portanto uma síntese dialética. Num nível diferente, não num “nível superior”, como dizem muitos, não Paulo, pois para ele isto seria menosprezar as formas mais autênticas do conhecimento do senso comum, do místico e do mítico, numa flagrante adesão ao positivismo cientificista.

Abandonando as possíveis análises das duas primeiras virtudes teológicas e detendo-me na da Esperança devo dizer que na compreensão crítico-antropológica, político-educativo-ética de Paulo, fundamentalmente os conceitos de Esperança acima apresentados foram trabalhados para além do senso comum e da crença religiosa popular, bíblica ou teológica sem os abandonar, dentro de conceitos científicos e filosóficos. Deu-lhe uma conotação imanente, que pouco levou em conta o apelo à transcendência própria das explicações religiosas e sistematizou também o que veio do senso comum, reenfatizo.

A Esperança, assim, ganhou uma nova compreensão em Paulo que negou, mas incorporou e sintetizou aquelas, não porque ele quis ser “do contra” ou por um simples capricho da pós-modernidade irresponsável, mas porque a trabalhou sob a luz de uma maior abrangência de interpretação científica, filosófica e ideológica, a dialética. À luz da pós-modernidade progressista a qual está filiado. Portanto, tendo uma visão de totalidade do fenômeno, tanto do ponto de visto do conhecimento religioso e do senso comum quanto do baseado na razão reflexiva.

Paulo teve a preocupação de buscar o que entendia como Verdade: a Esperança como uma categoria ontológico-humanista, antropológico-ética, histórico-crítica, filosófico-política em sua teoria do conhecimento libertadora. Ou como preferia nomeá-la “uma certa compreensão crí-

tica da educação” Forjou, assim uma Pedagogia da Esperança. Forjou-se a ele mesmo, como o Pedagogo da Esperança.

A Esperança vinha sendo uma das preocupações de Paulo desde Educação como prática da liberdade. Desde este livro ele já se afastava, claramente, da conotação religiosa, com a qual nunca fez, repito, uma ruptura total. Paulo foi pouco a pouco, em toda a sua produção intelectual¹, superando as suas compreensões primeiras sobre a Esperança diante de sua capacidade de reflexões cada vez mais profundas, de seu poder de radicalizar-se, de questionar-se sempre mais e mais, dentro dos limites do real, do mundo concreto. Isto é, ele foi radicalizando-se na compreensão mais acabada de sua compreensão ontológica da antropologia política e da ética social. Assim, na explicação imanente e não transcendente das coisas, dos fatos e dos fenômenos.

Em à sombra desta mangueira, de 1995, Paulo afirma:

Esperança tem sua matriz na natureza do ser humano. Sendo inconcluso e consciente de sua inconclusão ou, como diz François Jacob, “programado para aprender”, ele não poderia ser, sem mover-se na esperança. [...]

Esperança é exigência ontológica dos seres humanos. Mas, à medida que mulheres e homens se tornaram seres de relações com o mundo e com os outros, sua natureza histórica se acha condicionada à possibilidade de concretizar-se, ou não (1995, p. 30).

No tão belo quanto radical - sob os pontos de vista político, ético, histórico e educacional - no livro Pedagogia da autonomia de Paulo Freire está a sua derradeira compreensão da Esperança:

[...] A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não

haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por “n” razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza. Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa.

A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. É que, na inteligência mecanicista, portanto determinista da História, o futuro é já sabido. A luta por um futuro assim “a priori” conhecido prescinde de esperança. [...] vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação (2007, p. 72, 73 e 75).

Paulo ao analisar os seres humanos como a de seres incompletos, inconclusos – que por isso mesmo saiu, segundo sua compreensão, do simples plano da vida para o da existência humana –, que sabe de nós, das coisas e do mundo, tem consciência destes seus saberes e vive com o mundo, portanto como seres históricos, diferentemente dos outros animais que vivem no suporte apenas no mundo, inconscientes do seu ao redor, sabem fazer, mas não sabem que sabem, marcou o princípio fundamental da Esperança freireana. Nós que nos construímos através de milênios como seres que sabemos e que sabemos que podemos saber mais, sendo, portanto, seres não terminados, inconclusos e, que, assim tem na sua natureza ontológica, a capacidade de sonhar, de projetar um futuro melhor e mais bonito. De esperar, de ter Esperança.

Portanto, a existência humana carrega nela mesma as fragilidades e as grandezas dos seres humanos no seu processo de fazer-se e refazer-se

¹ Consulte estas obras no final deste ensaio nas Referências Bibliográficas.

a procura de Ser-Mais. Assim, o senso comum na sua astúcia intuitiva assevera porque constata na obviedade da vida : “A esperança é a última que morre”.

Somos seres, que, portanto, precisamos, ininterruptamente, receber educação num processo sem fim até a nossa morte. Somos seres criadores e re-criadores, inteligentes e demandantes; sabedores e carentes de Verdades, assim, constantemente à busca de saber mais, de sermos sempre mais.

Nesta busca precisamos criar os sonhos, as utopias, que a só a esperança viabiliza. Para Paulo, o sonho, a utopia de construir uma sociedade mais justa e mais bonita, mais democrática. Não proceder assim, significa que estamos desesperançados!

A leitura que Paulo fez da relação dialética existência humana/ mundo superou, intencionalmente, a exclusividade da relação entre criaturas e Criador; desprezou a categoria certeza e determinismos históricos, próprias das ciências modernas e dos dogmas religiosos, para a de possibilidade, própria da linguagem do tempo humano da pós-modernidade progressista. Chamo a atenção para que não se confunda esta postura de caráter questionador e emancipador criada por Paulo com a pós-modernidade reacionária da filosofia neoliberal, de caráter sectário, desumanizador, que nega a História, o sonho e a utopia.

Lendo a enorme, mas necessária citação da Pedagogia da autonomia fica fácil para o leitor, fazendo um estudo comparativo, perceber que Paulo nega das concepções anteriores expostas nos itens 1 e 2, de **Esperança**. A exclusividade do divino na explicação das coisas terrenas, “a firme confiança de obter a Felicidade divina e tudo o que a ela conduz, apoiando-se na **certeza** da promessa e da graça divina, e se tornando assim, energia criadora e transformadora na existência e na história.”² [grifo meu]

Paulo também não concordava com a afirmação da definição bíblica da esperança evangélica: “a confiança filial, em nós difundida pelo Dom do Espírito, confirmando-nos na **certeza** da promessa que Deus nos fez em Cristo, de nos fazer participantes de sua Glória”³; que coloca os seres humanos numa situação de total submissão às

coisas e fatos da vida, que seriam sublimadas na “coragem de sofrer, trabalhar e lutar, na busca da realização da promessa divina”⁴.

A compreensão crítica de Paulo também não pactua com a concepção da Esperança à luz da consideração teológica: “A Esperança é o Dom da Felicidade divina, garantida pela Palavra-Promessa e já inaugurada pela graça, engendrando em nós a coragem firme e lúcida de nos aceitarmos como criatura que Deus faz criadores de seu destino, o tempo em comunhão com os outros, vencendo a incerteza, a angústia, a incompreensão e a morte”⁵, e nem com a afirmativa de que a Esperança seria, portanto, “uma virtude divina, que deseja e busca o Bem divino, e tudo o que a ele conduz, firmando-se na confiança da promessa e nas forças da graça do Espírito”⁶.

Para Paulo os nossos destinos não são traçados individualmente, “como criatura que Deus faz criadores de seu destino”, mas na dinâmica dialética da subjetividade-objetividade racional, reflexiva, afetiva, pessoal, social e histórica.

O que permaneceu na compreensão de Paulo das acepções mencionadas nos itens 1 e 2? Em parte a interpretação do Frei Carlos Josaphat de que “a Esperança assume e eleva uma experiência humana fundamental, que é a força de viver” e no “enraizamento antropológico da Esperança”.⁷

Paulo não concordaria que a Esperança “emerge, antes de tudo, como o dinamismo da vida, anterior à consciência, investindo, primeiro, as camadas do inconsciente e se difundindo pelas formas primárias do conhecimento sensível e finalmente racional”⁸, nem com a afirmativa do frade de que “[...] O enraizamento profundo da esperança no próprio elã vital inconsciente ou pré-consciente lhe dá uma força e uma significação muito especiais. Ela é vivida antes de ser conhecida, e é conhecida de maneira concreta, antes de ser pensada de maneira abstrata”⁹, porque entendia que há uma relação dialética mulheres-homens/mundo, isto é, somos realmente homens e mulheres a partir da consciência de os sermos.

² Afirmativa já citada neste ensaio.

³ Afirmativa já citada neste ensaio.

⁴ Afirmativa já citada neste ensaio.

⁵ Afirmativa já citada neste ensaio.

⁶ Afirmativa já citada neste ensaio.

⁷ Afirmativas já citadas neste ensaio.

⁸ Afirmativa já citada neste ensaio.

⁹ Afirmativa já citada neste ensaio.

O pensamento de Paulo se afina com a afirmação de Frei Carlos de que “O pleno cumprimento das promessas em Cristo, na sua cruz e ressurreição vem a ser a perfeita revelação da Esperança, em seu caráter totalmente teologal e em sua força salvadora [...] e de que “O objeto da Esperança... tem a ver...[com] a vitória completa do Amor sobre os três inimigos, estreitamente aliados entre si: O Pecado, [...] e A Morte”¹⁰.

O teólogo católico volta a tangenciar as idéias de Paulo no que se refere à Injustiça, “a opressão, a dominação, a vontade de poder; a Esperança se enraíza no Dom da Paz e anuncia esse dom em sua perfeição e em sua felicidade definitiva [...] E a certeza de que a coragem paciente é consequência da virtude de Esperança”, embora eu deva chamar a atenção para a categoria certeza, que Paulo não tendo aceitado, a substituiu pela da possibilidade, pois aquela é própria da linguagem científica dos tempos modernos e esta uma categoria própria da pós-modernidade progressista, crítica, a qual Paulo se filiava, ou melhor, a concebeu.

Paulo, portanto não abandonou totalmente a leitura religiosa quanto a inúmeros pontos pregados pela teologia da Igreja Católica, nós não podemos esquecer de que ele foi um dos teólogos da libertação, para a qual tanto contribuiu; nem tampouco as afirmações do senso comum, de onde quase sempre partiu para suas reflexões. Entre outros, destaco a compreensão da injustiça, a força de viver e enfrentar as dificuldades e as crises sustentadas por um desejo de um bem maior e melhore de que aprendemos até o último momento de nossas vidas. Todas essas contribuições estão contidas, sem dúvida alguma, na esperança freirena.

Podemos identificar nestes pontos a presença do que Paulo chamou de inédito viável. São situações que denunciadas no plano social, buscam na Esperança a concretização desses possíveis históricos diante da possibilidade de nossa interferência como seres humanos. Esperança para Paulo é, pois sonho. É utopia sem a qual não podemos nos existir e construir um mundo melhor.

Se a estratégia, pensando nesta categoria como Paulo a entendeu, a atingir com a Esperança para a Igreja Católica é “a confiança de

obter a Felicidade divina” e a Paz Divina; a da compreensão crítico-pedagógica de Paulo a Esperança é a possibilidade de construção de uma sociedade na qual a felicidade esteja centrada na justiça, na equidade e na Paz social e no bem estar pessoal. No diálogo, na criticidade e na realização plena da democracia. Na humanização e na libertação cada vez mais plena de todos os seres humanos.

Paulo nunca cansou de repetir que por ser um ser humano, poderia em comunhão com outros e outras, mudar o mundo para melhor. Fazer realidade o sonho utópico, que tanto sonhamos no Brasil desde longa data: uma sociedade mais justa, mais bonita e mais ética, em suma democrática, diante da possibilidade aberta pela inconclusão humana. Que a Esperança é vocação ontológica dos homens e das mulheres! “Não sou esperançoso por teimosia, mas por exigência ontológica” (FREIRE, 2007, p.58).

Se a esperança faz parte da condição ontológica do ser humano e o desesperançar também, Paulo foi se fazendo, para além de sua convicção racional, mais e mais, um ser com vontade antropológica, ética e política de perseverar-se na esperança e não na desesperança, no desesperançar.

Essa sua virtude, diante de sua coerência existencial são instâncias ao mesmo tempo de seu ser, do seu conhecer e do seu valorar, dialeticamente completando-se uma na outra. Portanto, qualidade-categoria explicativa de sua compreensão histórica e utópica da educação libertadora, justificadas por sua própria maneira de enfrentar e de *ler o mundo*.

A esperança na libertação não significa, já, a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis. Se elas não existem, temos de pelear esperançadamente para criá-las. A libertação é possibilidade, não sina, nem destino, nem fado. Neste contexto, se percebe a importância da educação da decisão, da ruptura, da opção, da ética, afinal (FREIRE, 1995, p.30).

Paulo foi um mestre dos sonhos, dos desejos e dos interesses legítimos dos outros e das outras porque esses ressoavam o seu próprio sentir, desejar, entender e refletir, em seu corpo consciente. A filosofia de Paulo nasceu das trocas afetivas intensas, que se proliferaram nas trocas de saber, que, assim se transformaram em conhecimentos epistemológicos, políticos e éticos.

¹⁰ Afirmativas já citadas neste ensaio.

Palavras Finais

Compor uma teoria do conhecimento a tal ponto engajada em favor dos oprimidos, com tal nível de compromisso ético-político-educativo em favor deles e delas porque acreditava firmemente neles e nelas e que a realidade poderia ser transformada, é porque sabia e sentia a esperança como um fator importante da possibilidade de que ‘mudar é difícil mas é possível’.

A esperança de Paulo como categoria ético-político-existencial dá o sentido de verdade às suas propostas utópicas. Transformadoras.

Paulo Freire é hoje o educador da esperança do mundo e não só do Brasil porque dedicou sua vida/obra ao oprimido, à libertação, ao diálogo, ao questionamento formulando, assim uma pe-

dagogia da esperança, antes mesmo de ter escrito um livro com este título.

Fica claro, então que Paulo Freire é um pedagogo, um educador, um político, um ideólogo e um filósofo da educação a favor da educação progressista, crítica, problematizadora e libertadora. Um filósofo genuíno e eminentemente da brasilidade, jamais um eclético, sem nunca ter negado algumas influências do marxismo, do personalismo e da fenomenologia.

Paulo Freire, simplesmente Paulo pra mim, foi e continua sendo um educador a serviço da humanização, da autonomia e da libertação das mulheres e homens do mundo, independentemente de suas origens raciais, étnicas, religiosas, de gênero ou opção sexual, de classe social, idade ou local de nascimento!

Referências.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 1986. p.703.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006. Prêmio Jabuti 2007 “O melhor Livro de Biografia”, 2º. Lugar.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1974.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 12ª. Edição com Prefácio de Leonardo Boff, São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D’Água, 1993.

_____. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Prefácio de Adriano S. Nogueira; Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1994; 2a. edição. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. *À sombra desta Mangueira*. Prefácio de Ladislau Dowbor. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Olho D’Água, 1995.

_____. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. Coleção Leitura. Prefácio de Edna Castro de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1996; 29a. Edição com Orelha de

Ana Maria Araújo Freire, Prefácio de Edna Castro de Oliveira e 4ª Capa de Frei Betto. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. Apresentação e Organização de Ana Maria Araújo Freire; Carta-Prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organização, Apresentação e Notas de Ana Maria Araújo Freire; Prefácio de Ana Lúcia Souza de Freitas; Posfácio de Olgair Gomes Garcia; Orelha Carlos Nuñez Hurtado. São Paulo: Editora UNESP, 2001. Série Paulo Freire, Direção Ana Maria Araújo Freire,

_____. *Pedagogia da tolerância*. Organização, Apresentação e Notas de Ana Maria Araújo Freire; Prefácio de Lisete R. G. Arelaro; Orelha de Luiz Oswaldo Sant’Iago Moreira de Souza. São Paulo: Editora Unesp, Série Paulo Freire, Direção Ana Maria Araújo Freire, 2005. Prêmio Jabuti 2006 concedido ao autor e à organizadora, na Categoria “Melhor Livro de Educação”, 2º. Lugar.

_____. *Política e educação*. 8ª. edição. Indaiatuba: Villa das Letras, 2007.

_____. *Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008.

_____ e FREIRE, A.M.A., e OLIVEIRA, Walter F. de *Pedagogia da solidariedade*. Prefácio de Henry Giroux; Posfácio de Donaldo Macedo. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008.
JOSAPHAT, Frei Carlos O. P. *Fé, Esperança e Caridade: encontrar Deus no centro da vida e da história*. 2ª. Edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 1999.

Ana Maria Araújo Freire

Doutora em Educação pela PUC/SP e viúva do educador Paulo Freire.

No ano de 2008 foi homenageada, ao lado do marido, dando seu nome familiar a centros de pesquisa e informação de duas universidades estrangeiras: (1) The Paulo and Nita Freire International Project for Critical Pedagogy McGill University - Montreal, Canadá.; (2) Asociación de amigas y amigos de Paulo y Nita Freire para el desarrollo de la educación crítica – Universidade de Barcelona - Barcelona, Espanha.

Recebido em 22 de agosto de 2008.

Aceito para publicação em 28 de agosto de 2008